

RECONSTITUINDO O TU: A PERTINÊNCIA ÉTICA DE EMMANUEL LÉVINAS

Adriana Coutinho

Universidade Federal de Pernambuco- UFPE.

Mestranda em Educação do Centro de Educação da UFPE.

e-mail: dianacarp2004@yahoo.com.br

“Este mestre jamais separou seu ensinamento de um pensamento insólito e difícil do ensino, do ensinamento magistral na figura do acolhimento, precisamente, de um acolhimento em que a Ética interrompe a tradição filosófica do parto e desfaz a astúcia do mestre quando este finge desaparecer atrás da figura da parteira”.

*Jacques Derrida*¹

Nossa época tem sido marcada por uma profunda indiferença em relação à dignidade da existência do outro. Cada vez mais nos deparamos com ocorrências de desrespeito e violação aos direitos humanos e, em muitíssimos casos, chega-se até a eliminação das pessoas de forma absurda. No início desse século faz-se a necessidade de um horizonte ético que devolva a dignidade do Eu e do Outro; isso é uma urgência! Nesse contexto, a obra do filósofo lituano Emmanuel Lévinas, cujo centenário estamos a celebrar neste ano de 2006, oferece uma reflexão consistente em torno da Alteridade Ética. Nossa investigação se deterá portanto, no conceito de racionalidade ética desenvolvido por ele, fazendo-se também necessário, para própria compreensão desse conceito primeiro, nos reportarmos a outros conceitos fundantes da obra levinasiana. Ao apontar a Ética como Filosofia primeira, Lévinas rompe com a tradição ontológica e consegue, em nossa Ética, possivelmente dentre outros, responder de forma mais acertada às demandas do nosso tempo. O interesse pela Filosofia levinasiana surge em decorrência do desejo de discutir e

¹ DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Lévinas*, p. 23.

compreender a degradação das relações humanas e sociais vigentes no mundo contemporâneo.

O pronome pessoal tu, que já não é somente isso posto que, lançado no plano da intersubjetividade, deve ter rememorado em leitores de Martin Buber o seu trabalho “Eu e Tu”. É uma boa invocação justamente por estarmos tratando de uma problemática inter-relacional que põe no seu horizonte o princípio da dialogicidade entre o Eu e o Tu. Nossa intenção, porém, não é estabelecer aqui nenhum paralelo entre Buber e Lévinas. De todo modo, Martin Buber parece também se inquietar com a solidão do ser forjado ao longo dos séculos de uma metafísica ego-cêntrica. Por isso, constrói seu edifício teórico com bases no diálogo entre um Eu e um Tu, comportando assim uma certa virada antropológica.

A presença de Buber neste início de conversa termina nos informando sobre que tipo de passagem Emmanuel Lévinas irá empreender com seus escritos. Este é o cerne de nossa comunicação: qual o tipo de passagem que a obra de Lévinas comporta para a Filosofia ocidental? Notem que quando falamos de uma dialogicidade entre um Eu e um Tu, propositalmente, não pusemos esses dois sujeitos como falantes, já que estão pressupostos assim em Buber, pois este autor assenta sua passagem antropológica na dialogicidade da palavra-princípio-Eu e Tu. Ou seja, O que fundamenta o ser é essa relação Eu e Tu.

Se estamos dizendo que em Lévinas também se manifesta certa dialogicidade devemos apontar que tipo particular de diálogo existe aqui.

Em Lévinas, não mais tão somente o encontro entre seres de linguagem, mas algo anterior que se basta simplesmente com a presença de um eu-que-estou-aqui e um tu-que-está-aqui. É aqui que se encontra o tipo de passagem específica que encontramos em Lévinas: estou sempre diante de outro e o outro está sempre diante de mim. Isso fica claro quando ele expõe sua Filosofia do Rosto. Em sua obra “Totalidade e Infinito”, o pensador lituano, discute longamente sobre o Rosto como um dos seus temas mais frequentes. Ao expor sua Filosofia de Rosto Lévinas afirma que, Rosto é tudo aquilo que não se reduz a ele. *“Quando se vê um nariz, os olhos uma testa, um queixo e se pode descrever, nesse momento, estamos nos voltando para outrem como para um objeto qualquer.*

A melhor maneira de encontrar outrem é nem sequer atentar na cor dos olhos “!”²

Porém, Lévinas nos lança a questão se poderíamos falar de uma fenomenologia do Rosto! Já que a fenomenologia nos descreve o que aparece, há de convir que não poderíamos sequer falar de um olhar voltado para o rosto, porque o olhar é conhecimento, percepção. Dito isto, Lévinas nos remete a pensar que, refletir antes de ter acesso ao rosto é, num primeiro momento, procedimento ético, e será nesse momento em que Lévinas indaga que teremos acesso ao Rosto através do dizer, estabelecendo uma distinção entre o dizer e o dito. No entanto ressaltaremos que tipo de diálogo Lévinas nos propõe ao expor essa distinção entre, dizer e dito. Ele nos remete a pensar que, Rosto e discurso estão ligados. *“O Rosto fala, mas, fala porque é ele que torna possível e começa todo o discurso. Nesse momento é importante distinguir no discurso o dizer e o dito... O dizer é o fato de, diante do rosto, eu não ficar simplesmente a contemplá-lo, respondo-lhe. É difícil calarmo-nos diante de alguém; esta dificuldade tem seu último fundamento na significação própria do dizer, seja qual for o dito.”*³ O dizer nos remete a esse momento primeiro de reflexão, antes de termos acesso ao Rosto, enquanto o dito totaliza-se, na linguagem copartilhada, ou seja, no ato da fala. Poderíamos ainda complementar, pondo que, o dito é a verbalização, a tematização da reflexão que nomeamos, o dizer.

Se a Filosofia de Lévinas segue por esse encontro de dois Rostos, a sua pertinência parece residir justamente no movimento de crescente negação de um desses Rostos, o que denotaria levinasianamente na impossibilidade de qualquer Rosto.

Porém, tem sido assim que o nosso tempo insiste em se apresentar, como tempo da negação, que é na verdade, impossibilidade de todo algo. Lembremos então, das formas de sociabilidade que estão a vigorar em nossas sociedades contemporâneas, sociabilidades estas que sempre desembocam em um solipsismo e ego-centrismo.

Temos o diálogo cindido, o Eu que já não procura o Tu, ou ainda levinasianamente falando, O Mesmo não constituído, porque sua existência só se torna possível constituindo-se a partir de Outrem. Desse modo, as crescentes experiências de violência, consumismo,

² LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*, p. 77.

³ Idem, p. 79-80.

individualismo, literatura de auto-ajuda centrado no mesmo e até as academias de ginástica, usando meramente como aprimoramento corporal, devem ser lidas como expressões de sedimentação do paradigma de negação do Outro. Não se está afirmando que práticas como violência e realização de ginástica são de per si sinônimas. Não! O que está sendo dito é que a ocorrência em demasia desses dois fenômenos neste mesmo momento deve ser compreendida com mais atenção, excluindo evidentemente, uma relação de causa e efeito, porém nos inquietando a perseguir uma observação que ajude a revelar em que medida essas ocorrências se encontram, se distanciam e quais os desdobramentos disso para a formação humana. Estamos pensando “Formação Humana”, como pensar o melhoramento, ou até mesmo, o equilíbrio e constituição Ética do sujeito, em uma busca constante e infinita, num movimento, que tem como ponto de partida, seja qual for a circunstância, o Outro em direção ao Mesmo. Poderíamos então afirmar que, nesse caso, “Ser Ético” e “Formação Humana”, se equivalem.

Esse movimento requer uma resposta prática, no sentido de oferecer elementos capazes de elucidar as bases de tal fenômeno e investir em uma possível superação do Mesmo. Chegamos portanto, na Ética da Alteridade Radical. No entanto, dizer Ética é dizer Alteridade, é afirmar um Outro radicalmente diferente do Mesmo. Pois, se não estivéssemos diante desse Outro, não necessitaríamos de uma Ética que viesse mediar a relação; inexistiria relação e, conseqüentemente, Ética, já que nos bastaríamos a nos mesmos.

A proposta levinasiana segue, então, na perspectiva de que o Outro deve ser posto como centro da relação, deslocando, assim, a supremacia do Mesmo. É como se invertêssemos a proposição sartreana e disséssemos que aquilo que deve ser proposto é a escolha do Outro como escolha de si. Cabe-nos agora nos remetermos ao que Lévinas reflete sobre o que chama de Responsabilidade por Outrem. Em seu último grande livro publicado, intitulado *Autrement qu'être* ou *au-delà de l'essence* (Outro modo que ser ou para além da essência), Lévinas nos fala da Responsabilidade como um fundamento primeiro e essencial da subjetividade. Ele diz que é na Ética entendida como Responsabilidade que se apresenta o subjetivo. Podemos dizer que o pensador entende a responsabilidade como Responsabilidade por Outrem, ou seja, por tudo aquilo que não fui eu quem fiz, ou não me diz respeito; ou que precisamente me diz respeito, e é através de

tudo isso que é por mim abordado que Lévinas define propriamente ao que nos remetemos como Rosto. No entanto, percebemos que, a abordagem do Rosto não é da ordem da percepção pura e simples, ou seja, de uma determinada intencionalidade que se encaminha para adequação de algo. Poderíamos dizer que é uma Responsabilidade que está para além do que eu faço. Finalmente ele afirma que o laço com Outrem só se aperta como responsabilidade, quer esta seja, aceita ou rejeitada. Assim, a razoabilidade da convivência humana reside na posição de antecedência do Outro. Só haverá Responsabilidade se dispormos a aceitar a anterioridade da Alteridade como princípio mantenedor.

Saindo agora de uma discussão de um problema Ético-prático, reportaremos-nos a uma problemática teórica, ou seja, no plano da Filosofia. Ocorre também que a Ética da Alteridade termina por estabelecer uma reviravolta na compreensão da Filosofia. Mesmo outros pensadores tendo inquietado-se numa forma ou outra de compreender o ser, o legado histórico do pensamento filosófico ocidental foi sustentado na idéia de que o Ser é o princípio de toda atividade especulativa, não cabendo nenhuma possibilidade de outro ponto de partida. Muitas definições de filosofia apregoam, inclusive, que a reflexão filosófica concentra-se numa investigação acerca do Ser e de seus atributos. Não foi outra coisa que fez a velha metafísica senão isto. No entanto, isso nos abre espaço para ir buscar a grande contribuição Heideggeriana para o desfecho do pensamento de Lévinas. Porém, foi precisamente em “*Sein und Zeit*” (Ser e Tempo), que segundo Lévinas, um dos mais belos livros da história da filosofia, entre quatro ou cinco outros, como “*O Fedro*” (Platão), a “*Crítica da Razão Pura*” (Kant), a “*Fenomenologia do Espírito*” (Hegel) como também, o “*Ensaio sobre os Dados imediatos da Consciência*” de Bérghson., que ele nutriu uma grande admiração por uma nova forma que o Heidegger havia inaugurado de pensar o ser; foi sobretudo uma admiração voltada para sua obra “*Ser e Tempo*”. Segundo Lévinas, até determinado momento da história da Filosofia, falava-se da palavra ser como se fosse um substantivo, embora seja, por excelência, um verbo. Portanto, com Heidegger, “*na palavra Ser, revelou-se sua “versatilidade”, o que nele é acontecimento, “o passar-se” do Ser. Como se todas as coisas que existissem se ocupassem num constante, “estar a ser”*”.⁴

⁴ Idem, p. 30.

Foi esse movimento dado ao Ser, que não mais um substantivo, porém um verbo a estar sempre se lançando ao infinito, que a Filosofia teria inaugurado sua grande tentativa de responder à questão do significado do Ser como verbo. Lévinas alega que, ao dar esse novo sentido ao Ser, Heidegger define claramente a filosofia em relação aos outros modos de conhecimento como “Ontologia Fundamental”. Nesse contexto, devemos pensar Ontologia como precisamente compreender o verbo “Ser”. Para Lévinas, a Ontologia distingui-se de todas as outras disciplinas que exploram o que existe, ou seja, que estudam os seres (entes), as suas naturezas e suas relações. E ao fazer essa exploração, esquece-se de que, ao falar dos entes, elas já compreenderam o sentido da palavra ser, sem contudo o terem explicitado. Nos chama a atenção o pensador lituano, para que essas disciplinas não se preocupam com tal explicitação, atribuindo com isso, a Ontologia, o grande mérito, de explorar precisamente tudo aquilo que existe, ou seja, os entes. Entretanto, em sua obra “Da existência ao existente”, que começou a ser escrita ainda no cativeiro durante a Segunda Guerra, se sentindo como um Ente manipulado por um mundo fundado em um projeto de negação do Outro, ou seja, a experiência nazista, Lévinas põe em questão a fenomenologia de Heidegger e nesse momento supera a compreensão do Ser-no-mundo, concluindo que o existente que dá sentido ao mundo, estaria numa impessoalidade árida e neutra, que só poderia ser verticalizada no Ser-para-o-outro, como momento Ético de respeito à alteridade. Após expor a contribuição heideggeriana, à Filosofia de Lévinas, , voltemo-nos agora, ao que nos propunha a velha metafísica, e cabe-nos precisar que, seguir por este caminho implica na negação da diferença e na defesa da impossibilidade do não-ser. Contudo, a mesmidade da filosofia do ser termina por impedir a relação com o outro. Pois, ao defender que me basto enquanto ser do *cogito*, estou também a afirmar que tudo posso conhecer, de modo infinito. Porém, se não me deslocar do centro da relação jamais poderei dizer algo a respeito desse Outrem, que com seu Rosto-presença me desafia a conhecê-lo, e também conhecer-me melhor, pois a presença de Outrem termina por desvelar de modo mais coerente quem sou eu.

É propriamente esta passagem que Lévinas empreende na Filosofia: deixar de compreender-se como racionalidade ontológica, constructo que a impede de entender a infinitude do Outro que é o ponto de partida para toda e qualquer relação, seja ela, interpessoal, social, amorosa ou de conhecimento, para conceber-se enquanto racionalidade

ética, de modo a estar assentada na anterioridade do outro, a via de acesso ao patamar das relações. Poderíamos então, pensar o indivíduo, que só passa a ser humano ao se completar no próximo.

Portanto é a racionalidade Ética que assume, em Lévinas, o estatuto de Filosofia primeira.

Como vimos, a obra de Emmanuel Lévinas aponta algumas saídas seja para uma dimensão mais concreta, no que toca estritamente à Ética, seja no sentido de repensar o horizonte da Filosofia. Na dimensão Ética, nos instigando a uma nova reflexão acerca do que convém buscar para a constituição da formação humana, ou seja, de um ser ético. E no contexto filosófico, superando a compreensão do Ser-no-mundo para a necessidade, do Ser-para-o-outro.

Todavia, não é possível deixar de mencionar que em sua obra não se encontra um receituário de conduta moral, todo acabado e que, muito facilmente, indicaria o que é correto e o que não é correto realizar. O autor se perfila, portanto, em um horizonte muito distante das propostas bem definidas e que parecem mágicas, tão em voga hoje, sobretudo nos meios pedagógicos. Basta lembrar a tendência de muitos congressos de educação que vem se transformando cada vez mais em uma espécie de mercado educativo onde se pode comprar uma prática mirabolante capaz de resolver seus problemas de aprendizagem, indisciplina, violência. Nada mais distante da perspectiva levinasiana.

O que Lévinas nos propõe é a constante perspicácia na busca de compreender e problematizar os sintomas da contemporaneidade, de modo mais efetivo, aqueles que tocam a questão da formação humana.

Assim, o que resulta como indicativo, antes de ser uma proposta fechada é um caminho a ser trilhado; é o horizonte do encontro que nos faz ver a anterioridade ética presente nas relações. Logo, uma iniciativa no âmbito da formação humana não pode deixar de se ater a essa condição de anterioridade ética que a existência do outro nos apresenta.

Aqui, estamos diante de um não determinismo moral e subjetivo. Vejam que não se trata de um indeterminismo moral. Dizer indeterminismo é assumir a possibilidade de um estágio em que se pode determinar o que deve e o que não deve ser realizado. Falar de indeterminismo é compreender que, primeiro, somente as experiências fechadas e autoritárias conseguem prescrever com muita clareza o que seria um itinerário de formação

humana; em segundo, nos fazem ver que tudo aquilo que em um certo momento pode ser visto como interessante para a formação humana somente pode assumir esse lugar a partir do encontro entre as subjetividades implicadas. Esse não determinismo nos lança para o entendimento de três aspectos fundamentais na contribuição levianasiana para a questão da formação humana: a abertura ética, o respeito e o ser-para-o-outro.

Esses três componentes se integram neste percurso de responsabilidade para com outrem, que pode ser compreendida em uma Responsabilidade que não permite esQUIVA possível e que possibilita a humanidade do homem. Em um contexto marcado pela negação do outro, uma perspectiva de formação humana que se queira contribuinte de um processo de respeito e de resgate da dignidade e cidadania das pessoas não pode deixar de empreender esse caminho. Permitam-me concluir com uma longa, mas necessária, citação de Emmanuel Lévinas , que instiga a nós educadores a caminhar para esta tarefa:

“...a relação intersubjectiva é uma relação não-simétrica. Neste sentido, sou responsável por outrem sem esperar a recíproca, ainda que isso me viesse a custar a vida. A recíproca é assunto *dele* (sic). Precisamente na medida em que entre outrem e eu a relação não é recíproca é que eu sou sujeição a outrem; e sou “sujeito” essencialmente neste sentido. Sou eu que suporto tudo. Conhece a frase de Dostoievski: “somos todos culpados de tudo e de todos perante todos, e eu mais do que os outros”. Não devido a esta ou àquela culpabilidade efectivamente minha, por causa de faltas que tivesse cometido; mas porque sou responsável de uma responsabilidade total, que responde por todo os outros e por tudo o que é dos outros, mesmo pela sua responsabilidade. O eu tem sempre uma responsabilidade *a mais* (sic) do que todos os outros.”⁵

⁵ Idem, p. 90.

BIBLIOGRAFIA

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 2004.

LEVINAS, Emmanuel. *Autrement qu'Être ou au-delà de l'Essence*. Edição em *Le Livre de Poche*. Paris: Martinus Nijhoff, 1974.

_____. *Ética e Infinito*. Diálogos com Philippe Nemo. Trad. portuguesa de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *Totalidade e Infinito*. Trad. de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Lévinas*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2004.